

Primeira página: jornais populares e identidade

Carlos Eduardo Fialho *

Tatiana Barboza Miranda**

OS JORNAIS

As primeiras páginas dos jornais populares possuem mensagens muito particulares. As manchetes invariavelmente estão distribuídas em três espaços. O primeiro e, em geral, o mais amplo, traz notícias de crimes cometidos na periferia. O segundo espaço, expõe as informações referentes ao futebol e o terceiro é a foto de uma mulher semi-nua.

Os crimes retratados ocorrem predominantemente nas periferias. Ladrões e assassinos baratos que mataram ou foram brutalmente assassinados. No primeiro caso – se mataram alguém – estão na mira da polícia ou do justiceiro local. A manchete “previne” as pessoas que moram nos bairros populares ao que elas estão sujeitas quando transgridem a ordem. São criminosos que foram mortos – o que vale como lição, segundo os entrevistados – mostrando o fim trágico de quem anda fora dos trilhos.

O futebol e as mulheres não fogem a regra da suposta “mensagem” da diagramação da primeira página. Sobre os jogadores, importa mais a fofoca do que a análise do jogo. Interessa a razão da má sorte do atacante do time, a noitada que acabou às cinco da manhã na véspera do jogo, a traição conjugal do craque ou a lesão que vai deixá-lo fora do campeonato. Quem responde a essa pergunta, em geral, é o pai de santo que atribui o baixo desempenho e o comportamento inadequado do atleta ao olho-gordo da ex-esposa, e as lesões às energias negativas. A má fase das celebridades pode ser resolvida com simpatias. Expõe a fórmula da solução dos problemas nas reportagens sobre os desafortunados ídolos. Fórmula que pode ser usada pelo leitor – um especialista em reverses na vida - pois ela não é cara, não exige tratamen-

to especializado nem internação em clínicas no exterior, é apenas uma mistura bem dosada de superstição e ervas.

As mulheres são todas muito parecidas: coxas grossas, bundas exuberantes e micro biquínis ou shorts desafiando o leitor a um passeio nos caminhos da ilusão. Aproximando-o do modelo das mulheres do seu imaginário e o distanciando da realidade da casa, do lazer, do trabalho, do namoro e do sexo. A modelo, semi-nua, aguarda uma proposta para posar em uma revista de circulação nacional, assim como o leitor está à espera de um trabalho melhor. Ela está para acontecer, mas por enquanto é apenas dançarina de um programa de tv e tem uma vaga promessa para ser a madrinha da bateria da escola de samba do segundo grupo.

Os “modelos” de celebridade, que estão na primeira página dos jornais populares, estão muito próximos (olho-gordo / programa de auditório) e ao mesmo tempo muito distantes (jogador do time da maior torcida do país / modelo de revista masculina) da realidade do leitor. A má sorte do jogador de futebol tem a mesma causa à qual uma grande parte dos leitores atribuem aos infortúnios da sua vida. Os entrevistados procuram o pai de santo para se aconselhar e afastar a maré braba do desemprego, da falta de dinheiro, da educação dos filhos, da relação com a esposa ou marido e da cura de uma doença.

Porém, a primeira página também trabalha com o imaginário quando mostra o jogador, sua mulher e seu patrimônio hoje. A origem social do jogador e a do leitor, na maioria das vezes, é a mesma. Mas o lugar social que ocupam hoje é muito diferente. A modelo fotografada quase nua passa pelo mesmo lugar social, ela tem os traços da mulher que ocupa o imaginário popular, mas ela já não é mais parte do povo, é uma “celebridade”. Aparece na capa do jornal e é candidata a modelo da revista masculina. Muito próximo e ao mesmo tempo distante da realidade da periferia onde moram os leitores das manchetes dos jornais de cinquenta centavos.

O conjunto das imagens desses jornais trata da construção da identidade do destituído, do leitor excluído das formas cultas de distribuição da notícia. Dos que estão fora do mundo letrado da “boa informação” e do alto consumo. Trata-se de uma maneira possível de afirmação de identidades. O bairro retratado na primeira página dos jornais onde o crime ocorreu é o mesmo onde grande parte dos leitores moram. O mundo fotografado já está delineado no imaginário e na sua realidade mais imediata.

Esses espaços e suas narrativas, circulam, produzem trocas e modos de compreensão mútuos. Interação de modos diversos, dialogam expressando culturas, nas imagens das manchetes e também em outros lugares fora dos jornais em foco, como

no enredo das dramaturgias, particularmente das novelas e da televisão. São formas de relacionamento possíveis entre os mesmos temas em diferentes mídias, marcando os contornos dos bairros, das vizinhanças e dos mini-territórios. Onde se afirmam os modos de vida que estão se organizando nas redes imateriais, nos processos de transmissão do conhecimento, nas relações virtuais e presenciais do comércio e dos ritos ligados à comunicação.¹ Para Canclini não há razão para que estes caminhos sejam excludentes, nem entre mídias tampouco entre formas diferenciadas de cultura.

Numa época globalizadora – em que a cidade não se constitui apenas pelo que acontece em seu território, mas também pelo modo como migrantes e turistas, mensagens e bens procedentes de outros países a atravessam – construímos mais intensamente o próprio à partir do que imaginamos sobre os outros. Não só projetamos a fantasia no deserto que se opõe à cidade nas saídas de fim de semana em busca da natureza, mas também na proliferação de discurso dos múltiplos grupos que habitam a metrópole ou a percorrem. Daí o interesse em trabalhar com os textos que descrevem, mas também imaginam, a metrópole: o relato dos informantes, as crônicas periódicas e literárias, as fotos, o que dizem o rádio, a televisão e a música que narram nossos passos urbanos”²

As fotos e a quase ausência dos textos das primeiras páginas dos jornais populares, apontam para os seus leitores alguns canais de comunicação disponíveis entre os grupos sociais que formam a diversidade da malha urbana dos subúrbios e das periferias desassistidas pelo poder público. Falam do que esses lugares são e do que eles não são. Fornecem as pistas para a integração e desagregação, cria o diálogo entre o criminoso local e o “homem de bem”. No que diz respeito a grande parte do público leitor, elaboram códigos e linguagens de afirmação das identidades daqueles que não transgridem as leis, os “homens de bem”. Esses são vítimas envergonhadas pela imagem do assassino nas primeiras páginas, muitas vezes um conhecido ou um parente. Por outro lado, as manchetes também produzem o orgulho de ser parecido com o jogador de futebol na forma de entender e superar as barreiras da vida (só não tem a garantia de que dará certo). Os discursos do leitor e do astro de futebol se assemelham naquele instante em que a celebridade é aconselhada pelo pai de santo, da mesma forma que se distancia das práticas do ladrão morto a pauladas porque assaltava na periferia.

Os leitores dos jornais populares não se veem como a sociedade que não deu certo, mas um segmento que dá continuidade e sentido à complexidade da malha social,

ressaltando diferenças com linguagem própria, interesses particulares e formas individuais de expressar seu universo, desejos e medos.

Não se trata de um acréscimo do saber em cifras e dados, mas de um primeiro deslocamento que re-situa o “lugar” do popular ao assumi-lo como parte da memória constituinte do processo histórico, presença de um sujeito-outro até há pouco negado por uma história para a qual o povo só podia ser pensado sob o rótulo do número e do anonimato... No conjunto, o que começa a se produzir é um descentramento do conceito mesmo de cultura, tanto em seu eixo e universo semântico como no pragmático, e um re-desenho global das relações cultura/povo e povo/classes sociais.³

São grupos por onde transitam códigos e símbolos capazes de afirmar maneiras de viver, de interpretar a violência e a barbárie. São os lugares sociais criados pela escrita popular através dos símbolos e signos, utilizados como forma de expressão, elaboração de linguagens e sinalização. Indicando contornos sociais que são vivenciados. Produzem, também, os limites da legalidade e expõe de maneira fria e direta a estética da transgressão. Constroem escritas e práticas sobre os textos “consolidados” pela pós-modernidade (a estética da periferia, do desempregado, da vizinhança próxima), ou sobre textos em transformação que exigem estratégias diferenciadas a cada recepção de nova mensagem no pós-moderno efêmero (a segurança pública, a violência, insegurança da vida privada, o prazer sobre o espetáculo do grotesco).

São elementos formadores dos espaços “lidos”, em parte, nos textos fotográficos e nas manchetes dos jornais de cinquenta centavos. Lugares onde se encontram inúmeras práticas, exaltadas ou repudiadas pelos leitores das manchetes penduradas nas laterais das bancas de jornais. Espaço no qual se cruzam vários movimentos que confluem, e se opõem a um só tempo, aos desejos dos moradores que se vêem nas fotos dos crimes sensacionalistas, nos jogadores e nas modelos de grandes coxas e bundas que se tornaram celebridades. São as expressões de uma identidade afirmada.⁴

Nas primeiras páginas dos jornais populares, a distinção entre o crime popular, o futebol e a mulher semi nua, dialogam permanentemente com outros símbolos criando indícios e pistas que informam aos leitores seu lugar social na cidade. As manchetes dos jornais populares fundam um local e constroem uma ordem que permite estabelecer e “distribuir” as identidades dos excluídos, moradores da periferia, subempregados, com os demais espaços sociais. Segundo Certeau:

Um “lugar” é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para

duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Af impera a lei do "próprio": os elementos considerados se acham uns "ao lado" dos outros, cada um situado num "lugar" próprio e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indecação de estabilidade".⁵

Não se trata de validar ou sobrepor o texto e a linguagem dos excluídos frente às demais camadas da sociedade, formando a matriz do que é *desejado* e *aceito* em contraste com o que é *repudiado*. Isto nos levaria a formular a denúncia da desigualdade social a partir do universo simbólico das diferenças sociais, fundada na noção de *certo* e *errado*. A fala dos entrevistados se distancia dessa perspectiva. Eles afirmavam o que era "desejado" e "não desejado" como elementos de identificação permanente de um lugar. Identificamos nos discursos um dos lugares onde é elaborada a narrativa de auto-reconhecimento das camadas populares que habitam as periferias, construindo arcabouços simbólicos com estas características e dialogando entre si e com os outros. No caso dos jornais populares, estas narrativas compõem as manchetes moldando as matérias com mensagens elaboradas a partir do mundo do leitor. Os jornais não são feitos nas comunidades, mas com materiais fornecidos pelos bairros periféricos.

AS ENTREVISTAS E OS ENTREVISTADOS

Partimos da hipótese de que os personagens se inserem em universos simbólicos que estruturam relações de diálogo e poder. Tais interações nos permitem identificar os lugares de inclusão e exclusão social como representações simbólicas. Noticiar o crime bárbaro cometido contra parcelas miseráveis da população periférica por bandidos que agem nas localidades, nos bairros e nas comunidades pobres, fornece aos leitores dos jornais sensacionalistas uma noção de pertencimento a esses lugares sociais. Eles se identificam com as manchetes por meio dos sistemas de símbolos que compõem a mensagem e identificam os espaços de pertencimento com imagens que remetem ao bairro, aos personagens da vizinhança, familiares, etc.

Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.⁶

Entrevistamos pessoas que justificaram a prática de ler as manchetes sensacionalistas como uma forma de se manter informados sobre o seu bairro e a vizinhança. Frente às imagens obscenas (mostram o que não é necessário mostrar, a foto ultrapassando o fato) dos crimes, realçando os aspectos mais bárbaros do acontecimen-

to, os entrevistados seguiram duas linhas de pensamento que merecem destaque. Por um lado, justificaram que é bom que seja assim para que todos saibam o que acontece com quem não “anda na linha”. Nesse sentido, as ações do “justiceiro” são vistas sob uma ótica pedagógica. Por outro lado, quando a imagem mostrada é da vítima dos criminosos, vem à tona a condição de insegurança à qual os moradores do lugar estão expostos.

As entrevistas foram feitas nas bancas de jornais do centro de Niterói e Rio de Janeiro, particularmente na estação das barcas que fazem a ligação Niterói-Rio, lugar por onde transita grande parte das pessoas que se deslocam das áreas periféricas e dos bairros pobres dos municípios de Niterói e Rio de Janeiro. Ou seja, não fomos ao local onde mora a maior parte dos leitores dos jornais de cinquenta centavos, colhemos entrevistas nos locais da cidade onde pessoas de vários “lugares” circulam e escolhemos aleatoriamente aqueles que estavam parados nas bancas lendo as manchetes. Procuramos também fazer uma amostragem em horários diferenciados, permitindo que as pessoas entrevistadas fossem aquelas que estariam circulando por variadas razões. Não fizemos distinção de sexo, idade ou cor na escolha dos candidatos, procuramos fugir da conhecida seleção por estereótipos ou biótipos. Tínhamos, num ponto de convergência, pessoas de vários lugares, uma amostragem que poderia abarcar empregados ou desempregados, homens ou mulheres de idades, raças, níveis sociais, culturais e rendas diferenciadas. O resultado foi que o maior percentual dos entrevistados eram sub-empregados, geralmente moradores dos municípios vizinhos ou da periferia de Niterói e Rio de Janeiro.

Nessa amostragem se delineava um personagem, o leitor das manchetes dos jornais de cinquenta centavos, buscando a informação rápida e sem texto, centrada na tragédia local, na fofoca da celebridade e na modelo semi-nua. Restava a tarefa mais interessante, saber o que faziam ali, na frente das bancas, aglomerados, lendo as mesmas manchetes e atraídos pelo sensacionalismo repetido todo dia.

Alguns trechos das entrevistas se conectam diretamente com os motivos que levam os leitores a se interessarem pelos jornais. A pessoa entrevistada é um cozinheiro, de trinta e três anos, morador da periferia de Niterói-RJ.

Entrevistador. Quando você vê a foto de um cadáver ou uma foto muito violenta, o que é que você sente?

Entrevistado. Tem certas fotos que é meio repugnante, “né” cara? Muito chocante mesmo, muito forte. Mas algumas... todas elas são fortes. Todas elas são fortes.

Entrevistador. E mesmo sendo forte você olha. Por que você olha?

Entrevistado. Acho que não dá, cara. Acho que é o instinto mesmo, chama atenção. "Tô" olhando, vai acabar chamando atenção.

Entrevistador. Mesmo que seja uma coisa ruim.

Entrevistado. Isso, mesmo que seja uma coisa ruim. Você acaba olhando, não tem jeito não.

O entrevistado se mostra um pouco confuso sobre a razão que deteve sua atenção diante dos periódicos. Ele reconhece que as fotos que expõem vítimas de assassinatos, mesmo que sejam imagens repugnantes, de acordo com sua própria fala, atraindo a atenção de forma quase incontrolável. Segundo ele, instintiva.

No desenvolvimento dessa mesma entrevista, o leitor deu uma declaração que pareceu explicar o sentido que a tragédia tinha para ele.

Entrevistador. Você já viu alguma pessoa que você conhece morta na capa do jornal, no noticiário?

Entrevistado. Olha, agora nesse momento, por exemplo, eu "tô" olhando essa matéria aqui. Essa matéria aqui fala do Caçador, eu moro próximo do Caçador. Então ela fala de perto, "né"? Por isso que eu parei pra dar uma olhada.

A relação direta com o local onde mora foi apontada como a causa do seu interesse. A matéria "fala de perto". O mesmo tipo de fala se repete em várias entrevistas. A atração pelo trágico vai muito além de um senso comum que institui "o prazer em ver a desgraça alheia".

É interessante nos questionarmos sobre os elementos presentes no local onde os leitores moram. O tráfico de drogas nos bairros pobres nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói é uma atividade corriqueira. O comércio varejista de narcóticos é alvo de ações policiais que se fundamentam no extermínio. As favelas são transformadas em verdadeiros campos de batalha entre traficantes e policiais e, no meio do fogo cruzado, os moradores. É nesse ponto, do lugar ocupado pelo crime e pela violência nas comunidades periféricas, que os jornais fazem foco.

O desastre e o horror são elementos presentes no cotidiano das classes mais pobres, sendo alvo de sua atenção. As informações que se inscrevem no circuito crime-violência foram apontadas como as mais chamativas pela grande maioria dos entrevistados. O

drama de seu reconhecimento se dá através da catástrofe. A entrevista a seguir foi concedida por um morador do bairro de Vila Laje na periferia de São Gonçalo - RJ.

Entrevistador. Quando você pára pra olhar essas capas de jornais (São Gonçalo, O Povo, Fluminense, Extra) o que chama mais sua atenção?

Entrevistado. As pessoas mortas assim, menor de idade morto. Mostrando mulher com quilos de maco...(ele ia dizer maconha), droga no corpo. Daí...muito interessante saber, pros jovens.

Entrevistador. E você acha interessante por quê? Você vê todo dia?

Entrevistado. É, pra eles vê que a realidade é essa. Se “tá” alguma coisa errada o que *pode* acontecer é isso daí, mortes, ser preso ou outras coisas mais, “né”?

Entrevistador. O jornal ensina como não proceder?

Entrevistado. Mostra a realidade. Quem tem consciência, que acredita, que vê jornal, lê, que tem consciência. Eles “acredita” que se eles “entra” nisso *pode* acontecer a mesma coisa. Vira capa de jornal morto ou “tá” sendo preso.

Entrevistador. E você sente o quê? Tristeza, raiva...quando você vê essas fotos de pessoas mortas?

Entrevistado. É uma tristeza, menino novo menos de quatorze anos morto, menor de idade, mulher já velha já sendo presa. Daí é *uma* tristeza pra todos nós.

O entrevistado afirma que lamenta ver pessoas que são menores de idade e idosas envolvidas em crimes, executadas ou presas. A infância, adolescência e velhice deveriam, eticamente, estar fora do cenário das manchetes policiais dos jornais de cinquenta centavos. “Menino novo, menos de quatorze anos”, o teor de sua fala parece dizer que os adolescentes podem escolher um outro caminho, que é lamentável alguém tão jovem ter sido assassinado. Já no caso da idosa, “mulher já velha já sendo presa”, considera vergonhoso que uma mulher de idade avançada esteja participando do tráfico de drogas.

Percebe-se na sua interpretação o sentido “pedagógico” do jornal. Esse discurso foi repetido em várias outras entrevistas. Quando perguntado sobre o interesse no jornal, ele responde “É, pra *elas* ‘vé’ que a realidade é essa. Se ‘tá’ alguma coisa errada o que *pode* acontecer é isso daí, mortes, ser preso ou outras coisas mais, *né*?” Em outro ponto da entrevista,

Entrevistador. Você já viu na capa do jornal alguma pessoa que você conhecesse ou que fosse seu vizinho? Morto ou que esteja envolvido em algum conflito com a polícia?

Entrevistado. Muitas vezes (risos). O que mais acontece é isso. Por isso é que eu paro pra olhar sempre.

Na verdade sua condição sócio-econômica é bem parecida com a de seus vizinhos que aparecem na capa dos jornais. Entretanto ele optou por um caminho diferente. Conhece os riscos que as atividades criminosas impõem. A escolha pelos caminhos legais, em parte, é fruto das lições tiradas pela experiência dos que se desviaram do “bom” caminho.

Outro ponto relevante são os laços de vizinhança, parentesco e de território, formado por essas imagens. Relações que configuram uma sociabilidade primária, uma visão de mundo que desconhece a complexidade dos espaços sócio-político e econômico. Carentes de mecanismos que lhes possibilitem uma análise mais profunda e um conhecimento ampliado sobre o panorama social brasileiro, o que resta a essas camadas é vivenciar as trocas sociais que lhe são possibilitadas. Assim, as referências a tragédias que envolvem pessoas com um grau de parentesco muito próximo, se comunicam diretamente com os leitores formando uma “teia identitária”.

O trecho de uma entrevista feita com um rapaz 25 anos, morador de Niterói, ilustra essa identificação.

Entrevistador. Quando você olha essas capas, o que te chama mais atenção?

Entrevistado. Mais a atualidade, o que “tá” acontecendo mesmo. A parte de violência, o que “tá” acontecendo mesmo no dia a dia das pessoas.

Entrevistador. E quando você olha essas fotos (sobre violência) o que você sente?

Entrevistado. É pesado pro horário que você “tá” indo trabalhar, seja de manhã ou seja de tarde fica meio difícil, que aí você olha isso aí e fica pensando o que pode acontecer, podia ser sua família, ou então algum parente.

O discurso do entrevistado mostra sua preocupação imediata com o problema dos altos índices de violência nos grandes centros urbanos brasileiros. Logo após ele faz uma relação direta com seus familiares.

A forma como a mídia analisada apresenta os elementos dos bairros populares ressalta apenas os problemas desses locais, mostrando seu lado negativo. O crime

não é visto como meio alternativo de sobrevivência para os que não obtiveram oportunidades na esfera do trabalho lícito, e sim, como um mal a ser combatido pelos mecanismos oficiais. Nos jornais, os bairros populares são mostrados como lugares que abrigam exclusivamente a catástrofe, a tragédia e o horror.

As classes populares são representadas, principalmente, sob uma perspectiva trágica. O destaque dado ao local onde moram, pelo viés catastrófico, colabora com a formação de uma identidade que se funda no negativo. A sensação de pertencimento a um local que é incluído na mídia, por constituir-se em local de exclusão, reforça o seu reconhecimento enquanto excluído.⁷ O próximo trecho é de uma entrevista realizada com uma moradora de um bairro de São Gonçalo-RJ.

Entrevistador. Quando você pára pra ver essas capas, o que te chama mais atenção?

Entrevistado. O que chama mais atenção são as desgraças porque é o que mais mostra hoje em dia. É morte, pessoas presas, essas coisas assim.

A entrevistada revela que os fatos trágicos são os que mais despertam sua atenção por serem os que possuem maior destaque nas mídias mostrando o cotidiano das periferias. Jornais e leitores estabelecem uma relação na qual os símbolos são construídos em conjunto. Não se trata de um papel passivo assumido pelo leitor, que internaliza automaticamente as informações, símbolos e mensagens apresentados nos jornais. Tal relação também não é somente uma cópia fiel da estética da periferia. Relação na qual o jornal seria um mero porta-voz dos bairros mais pobres. Ao contrário, na interação entre jornais e leitores, ocorre uma dinâmica na qual leitores se baseiam nos jornais, e interpretam o material recolhido de acordo com suas compreensões sobre o mundo. Os jornais, por sua vez, criam um espaço que inclui a cultura de massa, típica do âmbito jornalístico, com a cultura da periferia. Leitores e jornais convergem e divergem e se reelaboram constantemente.

CONCLUSÃO

O primeiro passo - e que nos colocaria de frente com o problema - era deixar que os entrevistados nos falassem sobre suas motivações no instante em que estavam lendo os jornais. Se reuniam em torno das manchetes que reafirmavam o aspecto trágico mais imediato e espetacularizado das suas vidas. Afirmavam o lugar social que lhes era "destinado" acessando modalidades de mensagens veiculadas pela imprensa. Segundo Muniz Sodré, a aproximação territorial das diferenças apenas gera meca-

nismos de negociação do cotidiano, cria linhas que demarcam territórios, reservando o grotesco, a violência e a pobreza para aqueles que a consciência nacional identifica como excluídos.⁸ É uma prática cotidiana do processo de formação identitária, através das manchetes do horror e violência que transitam pelas realidades locais e das imagens distantes das celebridades que povoam o imaginário de quem não pode ter a mesma sorte. Leitor e manchete pertencem ao mesmo caldo de cultura. A mídia de “cinquenta centavos” confirma perfis identitários.

São diferentes das publicações direcionadas às elites, que exibem o glamour das personalidades da tevê, cinema e mundo do esporte, produzindo um lugar onde os leitores dos jornais populares da periferia não se reconhecem. Falta a má notícia e as formas de resolução dos problemas por vias acessíveis. A dançarina de axé que sofreu um aborto espontâneo, a ex-participante do reality show que desenvolveu uma infecção na pele devido a uma tatuagem, o ator famoso que está internado em uma clínica de recuperação para narcóticos ou a atriz que foi assaltada.

Os jornais mostram para seus leitores o seu lugar social. Ao caminhar pelos locais da cidade, os jornais mantêm vivas as territorialidades dos seus leitores. Lembrando sempre seu local de pertencimento. Seu lugar não é o das celebridades, é o da desgraça ocorrida com elas. O espaço que lhes pertence é o da exclusão. O destaque dado à catástrofe e à violência faz com que os leitores relacionem esses temas diretamente a seu cotidiano. São capas com manchetes que informam, reforçam e conduzem os excluídos através dos cenários sociais nos quais transitam diariamente. Não se trata do excepcional, mas do cotidiano que os acompanha em todos os lugares.

NOTAS

* Doutor em comunicação social pela ECO/UFRJ, professor adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade Federal Fluminense (GSO/UFF) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito (PPGSD/UFF).

** Pedagoga e mestrandia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito (PPGSD/UFF).

1. CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e Cidadãos*. RJ: Editora UFRJ, 1999.
2. *Idem*.
3. MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações*. RJ: Editora UFRJ, 2003.
4. CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2002.
5. CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2002. (pág. 200)

6. WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual; in *Identidade e Diferença* / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
7. AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002).
8. SODRÉ, Muniz. *O Social Irrradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Cortez, 1992.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002)
- AGAMBEN, Giorgio. *Linguagem e Morte: um seminário sobre o lugar da negatividade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos*. RJ: Editora UFRJ, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.
- da Silva, Tomaz. *Identidade e Diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações*. Rj: Editora UFRJ, 2003.
- SODRÉ, Muniz. *O Império do Grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- SODRÉ, Muniz. *O Social Irrradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Cortez, 1992.
- TRAQUINA, Nelson (org.) *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa.

RESUMO

Este trabalho analisa as relações existentes entre os jornais populares - que chamamos de jornais de “cinquenta centavos” - e a produção das identidades individuais enquanto lugares sociais. A prática cotidiana de leitura das manchetes mantém em funcionamento os mecanismos que delimitam os espaços sociais ocupados por uma parcela dos moradores das periferias das grandes cidades na condição de excluídos. Entrevistamos leitores regulares das manchetes destes jornais, procurando obter as narrativas elaboradas cotidianamente como parte de suas vidas. Concluímos que essa prática de leitura forma identidades importantes para o relacionamento dos excluídos com os demais personagens sociais.

ABSTRACT

This study examines the relationship between the popular newspapers - what we call the newspapers of "fifty cents" - and the production of individual identities as social places. The daily practice of reading the headlines keep the mechanisms in place that define the social spaces occupied by a portion of the residents of the suburbs of large cities on condition excluded. Interviewed people who were reading the headlines of newspapers, seeking the speech he prepared daily as a routine part of their lives. We conclude that this practice of reading as important to the identities of the relationship with the other excluded social characters and groups.

